

Máximo, o Confessor: Deus é a mônada pura

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

Introdução

Máximo nasceu pelo ano 580 da nossa era. Membro de uma família distinta de Constantinopla, defendeu a ortodoxia da fé contra a heresia do *monotelismo*, segundo a qual Cristo teria tido somente uma vontade, a divina, e saiu-se vencedor por ocasião da condenação definitiva desta doutrina no Concílio de Latrão (649). Devido às suas encarniçadas discussões contra os seus opositores, acabou sendo exilado na Trácia. Tendo oportunidade de se retratar durante um sínodo em Constantinopla, não o fez. Por conseguinte, ele e os seus discípulos tiveram as suas línguas e mãos direitas cortadas e foram condenados ao exílio, na região dos lazos, em Cólquia. Máximo faleceu em 662, vítima de inúmeros sofrimentos. Foi sem dúvida o maior teólogo grego do seu século. Procurou realizar uma síntese da teologia dos padres gregos, e a sua interpretação da obra do *Pseudo-Dionísio* prevaleceu até a Idade Média. Enquanto filósofo, foi eclético: de Aristóteles ao neoplatonismo, pode-se sentir a influência em sua obra.

Neste pequeno ensaio, trataremos do pressuposto fundante da teologia de Máximo, a saber, o esquema neoplatônico *exitus/reditus* que ele cristianiza. Fá-lo-emos mediante os seguintes tópicos: antes de tudo, destacando a sua concepção de Deus como mônada e princípio de movimento *ad intra* e *ad extra*; depois, atentando para a doutrina das essências como concepções do Verbo, que subsistem nele desde toda a eternidade enquanto *eidós*; em seguida, tentando mostrar a sua concepção das criaturas como participações e revelações parciais de Deus, algumas das quais podem, inclusive, escolher, mediante as suas ações, o seu lugar na hierarquia dos seres; posteriormente, esforçar-nos-emos por tornar evidente a sua concepção de homem como ser livre que, pelo pecado, preferiu assemelhar-se às coisas

sensíveis a assemelhar-se a Deus; por fim, esmeraremos por tornar patente a sua concepção de redenção como retorno das coisas a Deus pela mediação do homem que, remido por Cristo, reúne em si a totalidade dos seres. É ele que, unindo-se a Deus pelo conhecimento e pelo amor, pode fazer retornar à essência criadora: a matéria, pelo seu corpo, e o imaterial, pela sua alma.

Servirá de aporte teórico à nossa abordagem a obra de Etienne Gilson: *La Philosophie au Mon Âge. De Scot Érigène à Guillaume d'Occam* (1922), em sua versão modificada – *La Philosophie au Mon Âge. Dès Origines Patristiques à la Fin du XIV* – de 1944. No caso, a tradução que seguiremos será a brasileira, feita por Eduardo Brandão e lançada pela editora *Martins Fontes*, em 1995: *A Filosofia na Idade Média*.

Passemos à análise de Deus como mônada e princípio de movimento.

1. Deus, mônada pura e princípio de movimento

Deus é a *mônada pura*. Não se trata, contudo, de uma *unidade numérica* que, somada à outra, produza *múltiplos números*. Deus é o princípio de toda a unidade, isto é, é a própria unidade: *indivisível e não multiplicável*. Ademais, mônada indivisível, Deus é também *princípio de movimento*.¹

Agora bem, o primeiro destes movimentos é aquele pelo qual a Mônada, por *geração*, dá origem ao Verbo, que é a *expressão perfeita* da sua própria *essência*. Desta *díade* surge, a *simultaneo*, o Espírito Santo, que produz uma *tríade*.² Este movimento de Deus *em si* mesmo é a *perfeita manifestação* da sua *unidade trina*.³ Este primeiro movimento dá origem a outro. Trata-se daquele movimento de Deus fora de si mesmo, pelo qual Ele se manifesta em seres

¹ GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.p. 91: “Deus é a mônada pura, não essa unidade numérica, que gera números por adição, mas a fonte, ela mesma indivisível e não multiplicável. A Mônada é, pois, o princípio de certo movimento.”

² *Idem. Ibidem.*

³ MÁXIMO. **Oeuvres, em Migne, Patr. gr.**, tt XC-XCI. In: GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 91: “Porque nosso culto não se dirige a uma monarquia mesquinha e circunscrita por uma só pessoa (como a dos judeus), ou, ao contrário, confusa e que se perderia no infinito (como a dos pagãos), mas sim à Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, cuja dignidade é naturalmente igual. A riqueza deles é essa mesma concordância, essa irradiação ao mesmo tempo distinta e una, além da qual não se difunde mais a divindade. Assim, sem introduzir um povo de deuses, não conceberemos a divindade como de uma pobreza vizinha da indigência.”

que não são Ele.⁴ De fato, o Verbo, sendo a expressão plena da Mônada, contém em si a essência de todos aqueles seres que existem ou deverão existir.⁵ Desta sorte, no Verbo, todos estes seres são eternamente conhecidos e amados. Neste Verbo subsiste também o decreto que determina, desde sempre, que estes seres, em dado momento, passarão a existir.⁶ Donde a produção destes seres não implicar mudança ou nova decisão em Deus. Enquanto subsistem eternamente no intelecto e na vontade divina, estes seres chamam-se *ideias*.⁷

Passemos à análise da criação como revelação de Deus.

2. A criação como revelação de Deus

Sem embargo, já que não são Deus, estes seres não O expressam perfeitamente, mas apenas parcialmente.⁸ Contudo, na medida em que são seres e que expressam alguma *perfeição divina*, são bons. Agora bem, é a esta *revelação* de Deus fora de si mesmo que chamamos *criação*.⁹ Destarte, a criação procede da bondade divina, que deseja irradiar através das criaturas expressões – ainda que pálidas – do seu próprio ser.¹⁰ Estas expressões obedecem a uma certa hierarquia. Alguns destes seres são *permanentes* e passam a ocupar o seu lugar no universo por todo o tempo, outros são *contingentes* e ocupam o seu lugar até o seu tempo findar.¹¹

Passemos à análise das criaturas como participações na divindade.

⁴ GILSON. *Op. Cit.*: “Esse primeiro movimento é o princípio de um segundo: a manifestação de Deus fora de si, em seres que não são Deus.”

⁵ *Idem. Op. Cit.*: “Conhecimento perfeito da mônada, o Verbo contém eternamente em si a essência, isto é, a própria realidade (*ousia*) de tudo o que existe ou deverá existir.”

⁶ *Idem. Op. Cit.*

⁷ *Idem. Op. Cit.*

⁸ *Idem. Op. Cit.* pp. 91 e 92.

⁹ *Idem. Op. Cit.* p. 92.

¹⁰ *Idem. Op. Cit.*

¹¹ *Idem. Op. Cit.*

3. *As participações divinas*

A maioria dos seres que participa da bondade divina não tem outra opção senão aquela que procede da sua própria essência, isto é, só pode ser o que é e ocupar o lugar que a mesma essência lhe determina.¹² No entanto, existem outros seres que, por um singular privilégio, já previsto pela *presciência divina*, são capazes de determinar, até certo ponto, a sua posição na *hierarquia da criação*.¹³ Estes seres podem, mediante a sua *livre vontade*, escolher crescerem na hierarquia, assemelhando-se ainda mais a Deus, ou *decrecerem*, afastando-se, por livre escolha, daquele lugar que ocupam nas *participações divinas*.¹⁴

Agora bem, uma vez que podem escolher os seus atos, estes seres estão sujeitos a uma *predicação moral*: ou são *bons* ou são *maus*. Destarte, podem ser *virtuosos* ou *viciosos*.¹⁵ Ora, o *prêmio* daquele que escolher crescer em sua semelhança com Deus consistirá no *fruir* de Deus: Deus será a sua *recompensa*. Entretanto, para aquele que escolher afastar-se da *participação na divindade*, o seu próprio ato virá acompanhado do seu castigo, qual seja, a não fruição de Deus.¹⁶

Passemos à análise do homem na hierarquia dos seres.

4. *O homem é o senhor do seu destino na hierarquia dos seres*

Com efeito, o homem é um daqueles seres que podem construir o seu próprio *destino*. Ainda que seja composto de um corpo material divisível, e, portanto, *perecível*, é também dotado de uma *alma imaterial indivisível, imperecível* e, por isso mesmo, *imortal*. Além disso, o corpo só existe enquanto unido à sua alma, não pode existir antes dela e nem subsistir sem ela.¹⁷ Tampouco é possível concordar com Orígenes, quando este diz que a alma preexiste ao corpo, visto que isto nos levaria a dizer que Deus fez o corpo para ser uma prisão para a alma, uma pena para o seu pecado. Ora, isto não seria correto, pois, segundo Máximo, seria

¹² *Idem. Op. Cit.*

¹³ *Idem. Op. Cit.*

¹⁴ *Idem. Op. Cit.*

¹⁵ *Idem. Op. Cit.*

¹⁶ *Idem. Op. Cit.*

¹⁷ *Idem. Op. Cit.*

descabido supor que o pecado dos homens pudesse determinar a vontade de Deus.¹⁸ Aliás, esta posição concorda com a sua concepção das essências eternas no Verbo. De acordo com ela, a união de alma e corpo é desejada por Deus desde toda a eternidade e tal união é boa por sua própria natureza.¹⁹ Portanto, só nos resta admitir que a alma passa a existir simultaneamente ao corpo.

Passemos a analisar como se deu a queda do homem.

5. A queda do homem

O fato é que o homem foi criado capaz de mover-se em direção ao seu Criador imóvel. Sua posição intermediária na hierarquia dos seres convidava-o a um *papel unificador*. Com efeito, por seu corpo, o homem estava disperso na multiplicidade da matéria, mas por sua alma estava ligado ao uno, Deus.²⁰ Destarte, deveria ele ter reunido os múltiplos dados provindos da sua parte sensível, a fim de ordená-los a Deus pelo seu intelecto.²¹ Ora, o homem fez exatamente o contrário, dispersou-se do uno e preferiu o conhecimento das coisas sensíveis ao conhecimento de Deus.²² Agora bem, como para o ser é uma só coisa ser e ser uno,²³ quando o homem desviou-se do uno ao múltiplo, praticamente voltou-se ao não-ser²⁴:

(...) Uma vez que o homem, depois que foi criado, não se moveu naturalmente para o imóvel, como seu Princípio (digo, Deus), mas se dirigiu contra a natureza, voluntariamente, de modo irracional, para aquilo que está abaixo dele, sobre o qual ele próprio por ordem divina

¹⁸ *Idem. Op. Cit.* p. 92 e 93.

¹⁹ *Idem. Op. Cit.* p. 93.

²⁰ *Idem. Op. Cit.*

²¹ *Idem. Op. Cit.* MÁXIMO. **Ambiguorum Liber**. In REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. p. 66: "(...) e a quinta (divisão da natureza) é aquela segundo a qual o homem, que está acima de todos como um cadinho que contém em si a totalidade, tornando-se em si mesmo entre todos os extremos de toda divisão, com bondade introduzido com o nascimento entre os existentes, se subdivide em macho e fêmea. Tem claramente a plena capacidade de unir naturalmente, pois está no meio de todos os extremos, graças às propriedades relativas a todos os extremos de suas partes, por meio dos quais, realizando o modo da gênese das coisas distintas, de maneira conforme à causa, teria revelado por si o grande mistério do escopo divino, tendo feito harmoniosamente terminar em Deus a união recíproca dos extremos seres, procedendo dos próximos aos distantes e sucessivamente para o alto dos piores aos melhores (...)". (Os parênteses são nossos).

²² GILSON. *Op. Cit.* p. 93.

²³ *Idem. Op. Cit.*

²⁴ *Idem. Op. Cit.*

teria devido comandar (...), e assim pouco faltou para que ele de novo miseravelmente corresse o perigo de afundar no não-ser (...).²⁵

Passemos à análise de como se deu a redenção do homem.

6. A Encarnação no plano da salvação

Desta sorte, Aquele que é imóvel por essência, para salvar o homem decaído, pôs-se em *movimento*.²⁶ Este movimento de Deus consistiu no acontecimento da Encarnação: Deus se fez homem para salvar o homem.²⁷ Encarnou-se, porque isto era necessário para reconduzir o homem à unidade, que consiste na união de corpo e alma. Cristo, ao se fazer igual ao homem em tudo, exceto no pecado, libertou-o do pecado²⁸:

E Deus se torna homem a fim de salvar o homem perdido, tendo unificado em si as partes dispersas da natureza na sua totalidade e as formas universais dos particulares, de que devia surgir por natureza a união daquilo que estava dividido (...).²⁹

Além do mais, segundo a *crístologia* de Máximo, a geração “não-carnal” de Cristo, quis nos dizer que outro tipo de geração seria possível se o homem não houvesse pecado. De fato, a divisão dos sexos foi uma consequência do pecado, pois reduziu o homem a uma reprodução tal como acontece com os animais.³⁰

Passemos a considerar como se concretizará a redenção do homem por sua união com Deus.

²⁵ MÁXIMO. *Op. Cit.* In REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. p. 64.

²⁶ GILSON. *Op. Cit.* p. 93.

²⁷ *Idem. Op. Cit.*

²⁸ *Idem. Op. Cit.*

²⁹ MÁXIMO. *Op. Cit.* In REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. p. 62.

³⁰ GILSON. *Op. Cit.* p. 93.

7. A redenção Humana na sua união com Deus

De qualquer modo, o que fica estabelecido é que a união do homem com Deus é a sua redenção.³¹ Porém, o homem se une a Deus movendo-se para Ele. Ora, quem nos faz ser e ser bons é Deus. Logo, será Deus também quem nos impulsionará a nos movermos para Ele.³² *Mover é conhecer*. Portanto, movemo-nos para Deus quando *O conhecemos melhor*.³³ Mas conhecer a Deus é tornar-se *semelhante* a Ele, pois todo conhecimento é uma forma de *assimilação*. Como, porém, é possível *conhecer o sumo bem*, sem, ao mesmo tempo, *amá-lo*? Desta maneira, quando o homem conhece a Deus, também O ama.³⁴ Ademais, quanto mais O conhece, mais se *une* a Ele *pelo amor* e não descansará enquanto não estiver totalmente unido a nEle.

Movendo-se pelo conhecimento para Deus, o homem faz o movimento inverso ao da sua queda e reascende à sua causa e ideia eterna, que existem eternamente no Verbo divino.³⁵ Com efeito, o homem decaído é aquele que se separa da sua causa eterna, da qual, inobstante isso, depende.³⁶ Onde estar novamente unido à sua essência divina é, para o homem errante, a sua salvação.³⁷ Cada homem é parte de Deus, no sentido de que a sua ideia subsiste eternamente no intelecto divino.³⁸

Este êxtase prenuncia o *dia da divinização* de todas as coisas. Esta consistirá no retorno de todas as coisas as suas essências eternas em Deus.³⁹ O homem é, pois, o meio *catalisador* de todo este regresso. De fato, se foi com a sua queda que o *cosmo* caiu na corrupção, é em virtude do seu soerguimento que todas as coisas serão restauradas.⁴⁰ Nesta restauração, a primeira coisa a ser abolida será a divisão dos sexos, pois os homens serão iguais aos *anjos*. Em seguida a terra passará por uma *metamorfose* que acarretará a supressão da divisão entre o sensível e o inteligível, e este mundo tornar-se-á como o céu. Por fim,

³¹ *Idem. Op. Cit.*

³² *Idem. Op. Cit.* p. 94.

³³ *Idem. Op. Cit.*

³⁴ *Idem. Op. Cit.*

³⁵ *Idem. Op. Cit.*

³⁶ *Idem. Op. Cit.*

³⁷ *Idem. Op. Cit.*

³⁸ *Idem. Op. Cit.*: “Cada homem é verdadeiramente uma parte de Deus (*moira theou*), no sentido de que sua essência preexiste eternamente Nele.”

³⁹ *Idem. Op. Cit.* p. 94 e 95: “O êxtase é um momento anunciador da eternidade futura, em que se efetuará a *divinização (theôsis)* de todas as coisas, por seu retorno às essências eternas de que dependem e de que estão, presentemente, separadas, cada parte de Deus reencontrando então seu lugar em Deus.”

⁴⁰ *Idem. Op. Cit.* p. 95.

quando todas as coisas tiverem retornado às suas essências eternas, Deus será *tudo em todos* e para todo o sempre.⁴¹

Passemos às considerações finais deste trabalho.

Conclusão

Deus é a *mônada pura*. Não se trata, porém, de uma *unidade numérica* que, somada à outra, dilui-se. Deus é a *unidade indivisível e simplicíssima*. Sendo a unidade perfeita, Ele é o ser supremo, pois ser e ser uno são uma só coisa. Sendo o ser supremo, Deus é o sumo bem. Agora bem, o *bonum est diffusivum sui*. Destarte, sendo Deus o sumo bem, Ele não permanece *infecundo*, é o *princípio de dois movimentos*. O primeiro ocorre *ad intra* e por ele se estabelecem as relações de *paternidade e filiação* em Deus. Por meio deste movimento, que consiste numa *geração*, Deus expressa-se plenamente em seu Verbo. No Verbo, que é Deus mesmo, subsistem todas as participações possíveis de Deus, ou seja, tudo aquilo que, não sendo Deus, pode expressar algo do Seu ser. Com outras palavras, no Verbo, Deus se conhece não somente a si mesmo, mas também a todas as participações possíveis do seu ser. Enquanto subsistem na essência divina, estes seres são chamados *ideias*. O conhecimento que Deus tem deles inclui a determinação de quando eles virão a existir e que lugar ocuparão na hierarquia dos seres. Por isso, não há mudança em Deus quando ocorre a processão destes seres de Deus. É assim que se explica a origem do segundo movimento que tem a Deus como princípio, desta sorte, um movimento *ad extra*. Por ele, Deus expressa, de forma parcial em cada ser criado, algo do seu ser, porque *o agente produz o semelhante a si*. A criação apresenta-se, pois, como uma verdadeira *teofania*. Deus se manifesta nas suas criaturas.

Agora bem, ocorre que estes seres procedem do uno obedecendo a uma certa hierarquia. Alguns deles não podem ser mais do que são, estão determinados a existem por certo tempo e a deixarem de existir em determinado momento. Outros, incluso o homem, podem definir o seu lugar na hierarquia dos seres, conforme agirem segundo a virtude ou segundo o vício. São, por isso mesmo, seres livres, responsáveis pelos seus atos. Se

⁴¹ *Idem. Op. Cit.* MÁXIMO. *Op. Cit.* In REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005. p. 62: “E assim realizou o grande Desígnio do Pai, recapitulando tudo aquilo que está no céu e sobre a terra em Si, em que tudo foi criado.”

preferirem Deus às coisas sensíveis, unir-se-ão a ele; se preferirem as coisas sensíveis a Deus, decairão; tornando-se escravos dos seres inferiores, praticamente se dispersarão na sua multiplicidade. Ora bem, como ser e ser uno não são senão uma única mesma e mesma coisa, tenderão sempre mais ao não-ser.

Acontece que o homem, por seu pecado, preferiu unir-se à dispersão dos seres sensíveis a assemelhar-se a Deus. Desta feita, perdeu a sua unidade. Justo ele que, possuindo um corpo material e perecível e uma alma imaterial e imperecível, era chamado a realizar a unidade entre estes dois mundos, governando todas as coisas pelo seu intelecto e pela sua vontade. Entretanto, apegando-se aos bens terrenos, acabou dissolvendo sua unidade na multiplicidade.

Cristo, por sua encarnação, uniu a si a nossa natureza decaída, sobrelevando-a. Destarte, o homem tem novamente a oportunidade de, em e por Cristo, mover-se para Deus. Mover-se significa conhecer. Sem embargo, é conhecendo a Deus pela Revelação de Cristo e pela contemplação das suas criaturas, que o se tornará semelhante a Ele, pois todo conhecimento é uma forma de assimilação. Ademais, conhecendo-o, amá-lo-á, pois não se pode conhecer o *sumo bem* sem amá-lo e quanto mais conhecê-lo, tanto mais o amará. Ora, o amor é uma forma de união. Sendo assim, não descansará o homem enquanto não conhecer a Deus tanto quanto pode e, desta feita, unir-se a Ele de forma inefável. Assim, através da redenção de Cristo, a *função mediadora* do homem foi restabelecida, ou seja, ele poderá novamente reunir em si a unidade de todas as coisas e fazê-las retornar à essência criadora, onde todas as criaturas subsistem eternamente enquanto *ideias*. É deste modo que Máximo cristianiza o esquema neoplatônico *exitus/reditus*.

BIBLIOGRAFIA

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins, 1995. pp. 90 a 95.

MÁXIMO. **Ambiguorum Liber**. In REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Oeuvres, em Migne, Patr. gr.**, tt XC-XCI. In: GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins, 1995.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.